

Fé na ponta dos dedos: produção de presença e cultura do encontro na jornada de Francisco¹

Joice de Araujo Reis MENDES²

Erick FELINTO³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Ao propor que há mais lugar para a dimensão material do que o comumente ocupado por ela, a abordagem teórica das materialidades parece sugerir novas maneiras de pensar fenômenos, ao considerar a experiência sensorial requerida por eles e a demanda de um engajamento corpóreo na apreensão dos estímulos que emanam dessas interações. Nesse contexto, procuramos investigar as afinidades entre as proposições centrais da noção de “produção de presença”, em Gumbrecht e “cultura do encontro” proposta por Jorge Bergoglio, o Papa Francisco, enquanto movimentos que privilegiam a experiência adquirida através dos corpos, do ambiente físico e da interação com objetos. A observação da passagem do Papa pelo Rio de Janeiro, durante a Jornada Mundial da Juventude, parece evidenciar uma demanda contemporânea por eventos que recuperem uma dimensão espacial de nossa existência.

Palavras-chave: Materialidades; Presença; Encontro; Corpo; Sensorialidades.

Marcadas pelo conjunto tecnológico de cada época, as formas como recortamos, percebemos e representamos nossos mundos interiores e exteriores podem ser entendidas como resultado de um complexo processo sócio-cultural que contribui para a sustentação da experiência de realidade⁴ que se apresenta em cada tempo e lugar. Num cenário articulado pelo excesso de tecnologias digitais, a cultura contemporânea parece constituir um ambiente profícuo para práticas de comunicação, voltadas cada vez mais, para a hiperestimulação dos sentidos, o que requisita novos modos de investigação que possam dar conta do conjunto de questões e afetações sensoriais que essa cultura parece promover. Frente à tendência, constatada em diferentes episódios e acontecimentos hodiernos, que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da UERJ-RJ, email: joicreis@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação da UERJ-RJ, email: erickfelinto@gmail.com

⁴ Experiência compreendida segundo Pereira (2008) “como um conjunto de padrões sensoriais e cognitivos, e como um sistema de crenças e de linguagens que, somados, organizam e significam as percepções, orientando as ações de um grupo nos jogos e interações permanentes com seu meio ambiente.” (PEREIRA, 2008, p.2).

aponta para o desenvolvimento de uma linguagem que agrega dimensões físicas em suas dinâmicas (através, por exemplo, de espaços virtuais imersivos, espaços digitais do tipo 3D, uso de holografias em variados ambientes) parece oportuno o desafio de reexaminar o valor de proposições materialistas para os estudos da comunicação.

Não se trata, conforme elucida Pereira (2008), de uma proposta alicerçada em um determinismo tecnológico, mas de uma leitura que recupere e se ocupe das questões materiais que envolvem as práticas sociais e suas formas de comunicação. Uma iniciativa de tentar compreender com clareza o papel que os meios desempenham nos processos de subjetivação, de produção de novas sensorialidades e representações sociais. Nesse contexto, a ideia de “produção de presença” em Gumbrecht (2010) é apresentada como um movimento inclinado a recuperar um modo de nos relacionarmos com as coisas do mundo a partir de efeitos específicos produzidos no contato com o que está a nossa frente, diante dos olhos e no contato com o corpo.

A partir dessas intuições, a observação de momentos da visita do Papa ao Brasil, por ocasião da 28ª Jornada Mundial da Juventude, realizada no período de 23 a 28 de julho de 2013 no Rio de Janeiro, parece colocar em evidência (seja por meio de discursos, expressões visuais ou táteis) uma forma de comunicar, que privilegia a experiência adquirida através dos corpos, do ambiente físico e da interação com objetos. Considerando ainda as contribuições da Teoria Ator-Rede (TAR) em Latour (2005), ao propor que, em determinada ação, atores humanos e não humanos estão envolvidos na produção da experiência, espera-se contribuir para o desenvolvimento de análises mais complexas que evidenciem processos de mediação que conectam sujeitos, lugares e objetos. Procuramos dialogar ainda com conceitos que possuem pontos de associação com a abordagem, como os propostos por Boivin (2008) ao cotejar o poder das metáforas materiais, que residiria num entendimento não linguístico do mundo; com a ideia de megaevento em Freitas e Fortuna (2009), ao cogitar que esses momentos parecem estimular o desenvolvimento de uma capacidade de apreciação e fruição sinestésica das experiências que o constituem; e com as estratégias propostas por Gumbrecht (2010) para apreender fenômenos de presença a partir de conceitos como o de “epifania”. Frente ainda ao entendimento de que os objetos culturais sejam concebidos como uma oscilação e, às vezes, uma interferência entre os *efeitos de presença* e *efeitos de sentido*, a aposta está em dar ênfase a vetores de

experiências e efeitos de tangibilidade observados nesses eventos comunicativos, considerando sempre que é impossível fazer uma descrição puramente material já que mesmo os fenômenos mais inclinados à dimensão da presença não excluem a dimensão do sentido.

O papel das materialidades no jogo social

Sob uma perspectiva histórica ou sociológica, a maneira como as relações de afetividade vão se delineando dentro da ambiência⁵ contemporânea parece requisitar a ampliação do conceito de experiência estética para além do proposto pelo enfoque canônico lançado sobre a obra. A partir dessa perspectiva, o objeto não é tomado em si mesmo como estético, mas os processos e seus constituintes – coisas, produtos, acontecimentos, paisagens – podem ser vetores da experiência estética, que por sua vez não é necessariamente artística. Esse encaminhamento amplia, ainda, a concepção de estética, como apreensão do sensível, para além do proposto pela maioria das tradições filosóficas ao limitar a análise ao lado do receptor e dos investimentos mentais que ele possa fazer. Nesse sentido parece mais elucidativo falar na busca do que há no espaço da vivência, da experiência não conceitual (*Erlebnis*), em vez de “experiência estética” (*ästhetische Erfahrung*), já que a maioria das tradições filosóficas associa o conceito de “experiência” à interpretação e a atos de atribuição de sentido.

Curiosamente originada em um campo de tradição marcadamente hermenêutica, os estudos literários, a abordagem das Materialidades nasce das reflexões de um grupo de pesquisadores oriundos dos estudos literários que começa a se reunir por volta dos anos 80 para discutir o condicionamento da maior parte dos discursos da área a metodologias essencialmente interpretativas, como análise de conteúdo ou estudos de recepção. O centro das preocupações do grupo marca uma inversão de paradigma onde a determinação dos sentidos dos fenômenos comunicacionais passa a ser menos importante que o estudo dos mecanismos materiais que permitem a emergência desses sentidos. No cerne da proposta está o compromisso de pensar que diante do fenômeno social mais óbvio há um conjunto de

⁵ Termo que remete a um conjunto de fatores que procuram transmitir o clima e proporcionar a experiência de uma determinada época ou espaço. Em termos de caracterização da expressão parece adequado utilizar o termo alemão *Stimmung* [apesar de importante na fenomenologia, especialmente heideggeriana, trata-se de palavra corrente da língua], empregado para fazer referência à experiência de estar impregnado por um ambiente, uma atmosfera.

elementos em negociação e que frente a essa complexidade, a materialidade precisa ser considerada e mapeada.

As abordagens exploratórias propostas pela Escola de Toronto de Comunicação, especialmente por McLuhan, parecem apontar para a mesma perspectiva ao valorizar os aspectos formais dos meios e propor pensá-los a partir da capacidade que têm de constituir uma gramática ou linguagem que se revela em função da organização de elementos predominantemente de ordem sensorial. Conforme propõe Pereira (2006), uma leitura atenta à evolução do pensamento de McLuhan, permite compreender que todo esforço do autor ao longo de seus trabalhos mais conhecidos, alvos de inúmeras críticas acerca do determinismo tecnológico⁶, em vez de negar agentes sociais nas determinações dos modos de ser humano, parece reivindicar a atenção devida para “a possibilidade de agentes técnicos/materiais inerentes aos meios, paralelos aos agentes sociais, afetarem, também, por vias muito específicas, os modos de ser humano” (PEREIRA, 2006, p.7).

Essas reflexões sugerem novas investigações que têm explorado, em fontes diversas das ciências humanas e naturais, abordagens que dão relevância às maneiras pelas quais o mundo material impacta em nossas vidas e é parte, ao invés de separado, de nossos processos cognitivos, conceitos culturais e atividades sociais. Nesse sentido, a materialidade é convocada para enfatizar a fisicalidade do mundo, como algo que tem dimensões, resiste, constrange e que oferece possibilidades em virtude de um conjunto de propriedades físicas. Um dos exemplos vem da arqueologia britânica. Em *Material Culture, Material Minds: The impact of Things on Human Thought, Society and Evolution*, Nicole Boivin relata sua pesquisa de doutorado em uma pequena vila rural da Índia (Rajasthan) com a proposta de compreender mais sobre a arquitetura e o uso do espaço local a partir dos resíduos materiais. No decorrer da pesquisa, Boivin (2008) evidencia o impacto do mundo material sobre o mundo social não apenas por sua capacidade de atuar como um plano para o qual ideias e conceitos são atraídos, mas também porque a sua própria materialidade exerce uma força. Ao estudar casas de barro de Rajasthan, a autora constatou que a plasticidade deste tipo de matéria-prima permite que pisos e paredes sejam alterados com facilidade e em associação com as mudanças na vida das pessoas. Um movimento onde as mudanças espaciais não marcam apenas os ritos de passagem domésticos e a metáfora material não é

⁶ O termo determinismo tecnológico, aplicado por críticos à obra de McLuhan, sugere que o autor compreende a evolução das culturas a partir de uma lógica causal, linear e sequencial, na qual aposta-se que um artefato, uma tecnologia, um meio, sempre condiciona os modos de ser humano. Pereira (2006) propõe que o pensamento articulado nos últimos anos de vida do autor, e que parece ter ganhado forma mais explícita na obra *Laws of Media – The New Science*, revela uma reflexão mais ampla onde a ideia de cultura estaria bastante presente socializando a tecnologia.

apenas a realização de um conceito de mudança social (sua expressão material), mas parte da criação do entendimento do conceito de mudança social como alteração física de paredes, aberturas ou fechamentos de passagens, mudanças de cor, de textura, acréscimo ou retirada de ornamentação. Nessa concepção, por restringir ou possibilitar a ação das pessoas, o barro exerce um tipo de agenciamento sobre as atividades humanas. Logo, dentro de uma rede complexa de agentes, não se pode atribuir ao solo ter causado mudanças radicais na organização social, comunicação, no ato de cozinhar ou construir das civilizações, mas um novo *approach* é ativado ao considerar que suas propriedades físicas podem ter habilitado e, talvez, até mesmo encorajado mudanças. Nesse sentido, a materialidade não é tomada como a estrutura sobredeterminante que vai explicar a ação, mas como um dos *actantes*⁷ que compõem essa engrenagem. Ao questionar a orientação do próprio trabalho, centrado na decodificação de sentidos de um complexo código simbólico, Boivin (2008) sugere que se tivesse a oportunidade de refazer sua pesquisa faria perguntas não apenas sobre o significado das coisas, mas sobre o que as pessoas sentiam e estaria mais atenta às experiências proporcionadas pela oportunidade da vivência naquele espaço.

Conforme propõe Gumbrecht (2010), tomado aqui no campo da comunicação, convocar experiências que destaquem essa perspectiva pode nos ajudar a recuperar uma dimensão espacial de nossa existência e nos impedir de perder por completo a dimensão material de nossas vidas. Como reação a um ambiente cotidiano que se tornou predominante cartesiano ao longo dos últimos séculos, a aposta do teórico está em lançar um olhar apurado para o componente de “presença” inerente a qualquer contato com as coisas do mundo.

Produção de presença

A ideia de produção de presença em Gumbrecht (2010) surge como um movimento inclinado a recuperar um modo de nos relacionarmos com as coisas do mundo a partir de efeitos específicos produzidos no contato com o que está a nossa frente, diante dos olhos e no contato com o corpo. Conforme elucida o autor, uma coisa que é “presente” (da forma latina *prae-essere*) estabelece uma referência espacial com o mundo e seus objetos tendo

⁷ Dentro da metodologia Ator-Rede, Latour (2005) sugere o uso do termo *actante*, tomado da semiótica, para incluir não-humanos no conceito de ator e diferenciá-lo do sentido tradicional de “ator social” da sociologia. Para Latour, ator é tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo, podendo se referir a pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas e não apenas aos humanos.

como premissa algo que é tangível e está ao nosso alcance. Assim, o uso de “produção”, no sentido de sua raiz etimológica (do latim *producere*), que quer dizer literalmente, “trazer para diante”, confere à fórmula “produção de presença” um efeito de tangibilidade sujeito, no espaço, a movimentos de maior ou menor proximidade e intensidade. Nesse sentido, produção de presença aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos “objetos” presentes sobre os corpos humanos.

Ao fazer referência a momentos como esses Gumbrecht ressalta o apelo específico que eles exercem sobre nós ao proporcionar um nível particularmente elevado no funcionamento de algumas de nossas faculdades gerais, cognitivas, emocionais e talvez físicas. Pautadas pelo sentido de fragmentação temporal constituem ainda experiências instantâneas, para as quais não existe modo seguro de deter ou prolongar a duração, ou ainda resultado previsível ou típico que acrescente aos nossos cotidianos. Evocadas para comentar a maneira como se apresenta diante de nós a tensão entre presença e sentido, características como intensidade, articulação espacial e efemeridade são reunidas pelo pensador alemão sob o título de “epifania”, como noção que equivale a uma experiência estética, no sentido forte da palavra, como tipo de revelação, de comunicação que fisga pelo corpo sob forma de uma sensação, de uma intuição, não sendo passível de ser congelada.

Com o intuito de desenvolver conceitos que nos permitam apreender os fenômenos de presença, Gumbrecht (2010) adota o recurso a culturas e discursos pré ou não-metafísicos do passado como principal estratégia para alcançar progressos. Para tanto, o autor recorre, por exemplo, ao contraste entre a cultura medieval e o início da cultura moderna para estabelecer uma tipologia binária entre “culturas de presença” e “culturas de sentido” (com a primeira mais próxima da cultura medieval e a segunda mais próxima da cultura moderna), para sugerir um repertório não exclusivamente hermenêutico de conceitos de análise cultural. Conforme pondera o teórico alemão, cada cultura opera com concepções diferenciadas daquilo que se entende por signo. Enquanto numa cultura de sentido, o signo tem precisamente a estrutura metafísica proposta por Ferdinand de Saussure, condicionada pela união de um significante puramente material com um significado puramente espiritual, onde o primeiro deixa de ser imediatamente objeto de atenção quando se identifica seu sentido “subjacente”; o contraste tipológico com a cultura de presença elucida uma forma menos familiar de signo, mais próxima da definição aristotélica, segundo a qual um signo é a junção de uma substância (algo que existe no espaço) e uma forma (algo que torna possível que a substância seja percebida), o que dispensa a distinção clara entre o

puramente material e o puramente espiritual. Conseqüentemente, nenhum dos dois lados desse conceito-signo desaparece no momento em que o sentido é assegurado.

Frente à série infindável de situações e fenômenos culturais capazes de ilustrar essas tipologias binárias com alguma imaginação histórica, Gumbrecht recorre a uma associação pertinente para o tema em questão, ao tomar a transição entre a teologia eucarística medieval (católica) e a protestante do início da Modernidade, para marcar o contraste e explorar como uma “cultura de presença” se diferencia e tensiona uma “cultura de sentido”. No catolicismo o sacramento da eucaristia, a produção da real presença de Deus na Terra, era o ritual central da cultura medieval. De acordo com a doutrina católica, na celebração da Missa, o corpo e o sangue de Cristo se tornam realmente presentes como sacramento instituído por Jesus na Última Ceia, quando durante a refeição com seus discípulos tomou o pão, benzeu-o e disse “Tomai e comei, isto é o meu corpo” e fez o mesmo com o cálice de vinho afirmando “Bebei dele todos, isto é meu sangue”. Um ritual por meio do qual o corpo e o sangue de Cristo podem tornar-se “realmente” e de novo presentes. Conforme Gumbrecht (2010) enfatiza, a palavra “presente” aqui não se refere apenas, nem principalmente, a uma ordem temporal. Ela quer dizer, antes, que o corpo e o sangue de Cristo se tornariam tangíveis, como substâncias, nas formas de pão e vinho, processo conhecido em linguagem teológica como transubstanciação. Ainda explorando a reflexão do autor, o que justifica esse entendimento pré-moderno da relação entre o corpo de Cristo e o pão, e entre o sangue de Cristo e o vinho, é o conceito aristotélico de signo. Isso explica porque a expressão latina *hoc est enim corpus meum* (pois este é o meu corpo), por meio da qual a transformação da substância do pão na substância do corpo de Cristo no sacramento da eucaristia, era completamente plausível na cultura medieval. Nessa lógica, não existia qualquer conflito em que o pão fosse a “forma” que torna perceptível a “presença substancial” do corpo de Cristo, em uma perspectiva antropológica, por um ato místico por meio do qual uma substância distante no tempo e no espaço se tornava presente. Todavia, no início da era Moderna, foi precisamente essa presença que se tornou problemática na teologia protestante. Após várias décadas de intensos debates, a teologia protestante redefiniu a presença do corpo e do sangue de Cristo como sendo uma representação, uma evocação do corpo e do sangue “sentidos”. A partir daí, o sentido do corpo e do sangue de Cristo evocariam o evento da Última Ceia, sem a pretensão de torná-la de novo presente. Dessa forma o “é” na expressão “isto é o meu corpo” passou a ser entendido como “significa” o meu corpo, uma compreensão conceitualizada pela primeira vez por Calvino,

e que começa a transformar numa “distância histórica”, a distância temporal que separava cada missa e a Última Ceia. Conforme elucidada Gumbrecht (2010), nesse ponto se começa a entender que existe uma relação entre a concepção emergente, especificamente moderna, de significação e a dimensão da historicidade. Nessa compreensão, pelo menos em potência, os signos ficam a alguma distância temporal e espacial das substâncias que evocam. No entanto, conforme sugere Gumbrecht, ainda que os efeitos de sentido (ou, pelo menos uma overdose deles) possam representar uma redução de momentos de presença, a intensidade de querer ser e estar ali, sem quaisquer efeitos de distância pode ser a origem da tensão entre presença e sentido.

Dentro desse contexto, o autor chama atenção ainda para o conceito de evento que, numa cultura de sentido, é inseparável do valor de inovação e, conseqüentemente, do valor de surpresa. Contudo, numa cultura de presença, a inovação equivale à saída das regularidades, mesmo das transformações e mudanças que podemos prever e esperar, mas que implicam um momento de descontinuidade. Nesse sentido, pensar uma cultura de presença implica imaginar o conceito de “eventividade” descolado da inovação e da surpresa, a exemplo da apresentação de uma orquestra, que começará a tocar a músicas que tantas vezes ouvimos, mas apesar disso, a descontinuidade que marca o momento em que se produzem os sons iniciais “atinge-nos” e atribui à experiência essa dimensão de evento, comparada a momentos onde a natureza se transforma em acontecimento, como no fenômeno de um relâmpago, que arrebatada a atenção pela “relevância imposta”. Nesse caso, “o súbito aparecimento de certos objetos de percepção desvia a nossa atenção das rotinas diárias em que estamos envolvidos e, de fato, por um momento nos separa delas” (GUMBRECHT, 2010, p.132). Movimento que parece constituir uma *stimmung* particular desencadeada por experiências de choque, caracterizadas por Benjamin (1994) como um novo tipo de experiências proporcionadas pela modernidade produzidas a partir da velocidade, de rupturas bruscas, do risco corporal e do instante.

Cultura do encontro

Já nas primeiras horas em solo brasileiro, as imagens da maior autoridade da Igreja Católica circulando em um carro popular, com os vidros abertos por avenidas tomadas por milhares de pessoas parecem gerar um impacto que comunica, sobretudo pela intensidade da cena e pelo envolvimento emocional provocado por ela. Após o desembarque no

aeroporto do Galeão, durante o percurso até a Catedral do Rio de Janeiro, de onde partiu de “papamóvel” até o Palácio Guanabara, para encontro com autoridades, Francisco chegou a ficar preso em um congestionamento na Avenida Presidente Vargas e aproveitou para cumprimentar os fiéis que formavam um corredor humano ao longo do caminho. No “papamóvel”, causou grande surpresa ao interromper o trajeto para beijar crianças erguidas no meio da multidão, cena que se repetiria várias vezes ao longo da passagem do pontífice pelo país. Foi a primeira vez, desde a década de 80, que um papa andou pelas ruas num carro sem blindagem. A explicação⁸ para opção por veículos considerados mais vulneráveis em aspectos de segurança, dada com naturalidade pelo próprio Papa, parece atribuir sentido a uma comunicação que antes de tudo evoca algo de extraordinário, de incomum a partir de sua imposição material:

Antes de viajar fui ver o papa móvel, que seria trazido para cá. Era cercado de vidros. Se você vai estar com alguém a quem ama, amigos e quer se comunicar você vai fazer essa visita em uma caixa de vidro? Não. Eu não poderia vir ver esse povo que tem um coração tão grande, por trás de uma caixa de vidro. E nesse automóvel, quando ando pela rua, baixo o vidro para poder estender a mão, cumprimentar as pessoas. Quer dizer ou tudo ou nada. Ou a gente faz a viagem como deve ser feita, com comunicação humana, ou não se faz. Comunicação pela metade não faz bem. (BERGOGLIO, 2013)

A intuição de Francisco, que como *leitmotif*, pode ser definida pelo vocábulo “encontro” parece almejar a construção de uma cultura que eleja como primazia o contato pessoal, capaz de tocar efetivamente as pessoas. Nesse sentido, conforme propõe Pfeiffer (1994), a comunicação pode passar a ser encarada menos como uma troca de significados, de ideias sobre algo e mais como uma performance posta em movimento por significantes materializados. Marcas de uma linguagem que parece afetar em potencial a dimensão perceptiva do interlocutor ao promover sensações que precedem a formação de qualquer sentido. Um processo que pode ser relacionado dentro da análise do desenvolvimento dos códigos sensoriais midiáticos à ideia de multisensorialidade⁹, enquanto característica que implica ativar outros sentidos na busca de maior atenção e envolvimento do público com a mensagem. Ao tratar da inclusão nos discursos e mensagens de elementos e efeitos capazes de provocar emoção, sobretudo por setores da sociedade antes rotulados pela neutralidade, como a religião, Pereira (2013) elucida que esse envolvimento afetivo pode ser

⁸ Trecho da primeira entrevista exclusiva concedida após o conclave ao jornalista brasileiro Gerson Camarotti, enviado especial da Globo News, durante o quarto dia da visita ao Brasil, pouco antes da festa da Acolhida na Praia de Copacabana. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DO9HnYLYVqE>>. Acesso em 10 jan. 2014.

⁹ Apontada por Pereira (2013), também, como um traço das linguagens midiáticas típicas da cultura digital, a multisensorialidade na comunicação está relacionada diretamente ao pressuposto básico de que qualquer meio, pensado na sua dimensão mais básica e material, deve estar em consonância com algum sentido humano. Considerando o desafio de prender a atenção de públicos superestimulados, não basta agora a mensagem ser audiovisual, mas deve envolver para além da visão e da audição, o tato, o olfato e até o paladar, se possível.

potencializado não só em realidades de contato pessoal, mas por recursos que vão desde a escolha de certas palavras em construções narrativas no caso de um texto; da sonoplastia, música e colorido de vozes no caso de mensagens radiofônicas; e de cortes e edições específicas no caso de conteúdos audiovisuais.

No primeiro discurso às autoridades brasileiras no Palácio Guanabara, o papa iniciou a mensagem com uma alegoria de um convidado que bate a porta para pedir permissão de entrada ao chegar a uma casa: “por isso permitam-me que nessa hora eu possa bater delicadamente a essa porta. Peço licença para entrar e transcorrer essa semana com vocês”. Aqui, o uso de expressões simples, diretas e intuitivas, metafóricas, concretas e de fácil entendimento, conforme elucida Pereira (2013), parece contribuir para que não se perca tanto o encantamento garantido pelos elementos lúdicos, quanto à emoção, quando se busca compreender o sentido da mensagem. Nas palavras dirigidas aos moradores da comunidade de Varginha, no Complexo de Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro, também é possível observar esse uso:

Que bom poder estar com vocês aqui! Desde o início, quando planejava a minha visita ao Brasil, o meu desejo era poder visitar todos os bairros deste país. Queria bater em cada porta, dizer ‘bom dia’, pedir um copo de água fresca, beber um ‘cafezinho’ - não um copo de cachaça! - falar como a amigos de casa, ouvir o coração de cada um, dos pais, dos filhos, dos avós...mas o Brasil é tão grande! Não é possível bater em todas as portas! Então escolhi vir aqui, visitar a comunidade de vocês que hoje representa todos os bairros do Brasil (...) Sei bem que quando alguém que precisa comer bate na sua porta, vocês sempre dão um jeito de compartilhar a comida: como diz o ditado, sempre se pode “colocar mais água no feijão”! Se pode “colocar mais água no feijão”? Sempre? E vocês fazem isto com amor, mostrando que a verdadeira riqueza não está nas coisas, mas no coração! (BERGOGLIO, 2013)

No áudio do discurso é possível perceber a vibração popular, sobretudo, quando o papa faz referência a expressões tão corriqueiras no cotidiano brasileiro, como “beber um cafezinho” e “colocar mais água no feijão”. Com uma linguagem imagética, pontuada pelo uso frequente de metáforas que acionam substituições analógicas ao utilizar elementos concretos, comuns à realidade do interlocutor, o estilo Francisco de comunicar parece corresponder a um movimento de proximidade, ao intensificar o impacto da mensagem sobre as pessoas por estabelecer uma referência espacial com o mundo e seus objetos tendo como premissa algo que é tangível e está ao alcance.

Frente a isso, um dos elementos atribuídos à força da comunicação do Papa Francisco, conforme sugere padre Antônio Spadaro¹⁰, comunicador jesuíta e diretor da

¹⁰ Em entrevista publicada na revista italiana *L'Espresso* em 11-09-2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523765-o-papa-francisco-nao-comunica-mas-cria-eventos-comunicativos-entrevista-com-antonio-spadaro>>. Acesso em: 22 jan.2014.

*Civiltà Cattolica*¹¹ está ligado ao emprego de sua corporalidade, enquanto meio capaz produzir afetação pelas expressões que possibilita. Conforme observa o jesuíta, mais do que comunicar o Papa cria “eventos comunicativos” onde existe uma mensagem modulada pela forma como é expressa:

E a primeira forma é o seu próprio corpo. Não tem uma compostura rígida, mas uma flexibilidade que o leva a assumir uma profunda concentração absorvida, como acontece quando celebra a missa, por exemplo; ou um impulso no qual poderia dar a impressão de perder o equilíbrio (...) Exatamente assim, o Papa Francisco administra sua corporeidade, de maneira plástica, assumindo a postura que a mensagem, que quer comunicar, exige. Ele mesmo se transforma em mensagem (SPADARO, 2013)

As imagens das pequenas e grandes aglomerações formadas para recepcionar o Papa e a repercussão que esses encontros tiveram na mídia garantiram à Jornada Mundial da Juventude o *status* de megaevento compreendido na acepção de Freitas (2011) como um tipo de intervenção que altera sobremaneira o cotidiano da população e do local onde é realizado estabelecendo uma rede de comunicação urbana criada especialmente para esse momento. Além de não se restringem ao tempo de sua duração, por começarem muito antes de seu início e terminarem muito após o seu encerramento, os megaventos potencializam o envolvimento da sociedade em torno desse acontecimento, “com as modificações que acontecem no trânsito; o funcionamento dos transportes públicos; do comércio; a alteração na interação dos indivíduos entre si, bem como um olhar mais feliz e carinhoso da cidade” (FORTUNA, 2013, p.7) enquanto reverberações de um fenômeno social-midiático.

Dentro do referencial das materialidades, a efervescência e a atmosfera que se cria na cidade quando da realização de um megaevento, parecem estimular ainda o desenvolvimento de uma capacidade de apreciação e fruição sinestésica das experiências que o constituem, enquanto tipos de acontecimentos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto de “objetos” presentes sobre os corpos humanos. Nessas ocasiões, conforme evidenciam Freitas e Fortuna (2009) desfruta-se de uma sociabilidade desenvolvida especialmente em momentos festivos onde “entra em cena um homem plural que se alimenta de múltiplas identificações e quer perder-se num conjunto mais amplo de sensações.” (FREITAS; FORTUNA, 2009, p.111). Frente à série de situações capazes de ilustrar essa percepção, a encenação da Via Sacra, um dos atos centrais da Jornada Mundial da Juventude, acompanhada por um milhão e meio de pessoas na Praia de Copacabana, apresenta alguns referenciais significativos que parecem corroborar essas proposições. Ao enfrentar o frio, a chuva e divisão do espaço entre as grades de proteção, que demarcavam

¹¹ A *Civiltà Cattolica* é a mais antiga revista italiana em atividade.

um corredor entre o público e os trezes palcos, além do principal, montados ao longo da orla, a multidão de peregrinos presentes na praia fez mais uma vez uma experiência fundamentalmente multisensorial, que supõe a fricção e o deslocamento corporal como requisito para experimentar o acontecimento e absorver os sons, cheiros e estímulos de ordem sensorial que emanam dessa experiência.

Conforme evidenciado pela mídia, o espetáculo dirigido por Ulissez Cruz, diretor artístico responsável pela produção de shows de grande porte, contou com uma grande estrutura para reproduzir, segundo a tradição católica, as 15 estações que fazem referência ao caminho de Jesus Cristo até o Calvário, desde a condenação até a morte. Foram montados, além do principal, 13 palcos de oito metros de altura ao longo do canteiro central da Avenida Atlântica aonde foram encenadas as estações. Com roteiro elaborado para provocar a atenção e envolvimento do público, a apresentação contou com recursos como elevadores hidráulicos, talhas elétricas, fumaça, efeitos de LED, fogos de artifício e efeitos especiais. Toda a encenação foi sonorizada na língua portuguesa e transmitida em mais de 20 telões gigantes espalhados pela praia. Conforme definiu o próprio diretor artístico¹², a proposta foi “tratar a via-sacra como um elemento dramático, explorando todos os recursos visuais, desde a interpretação dos voluntários aos cenários” criando um evento para ser acompanhado por todo tipo de público, onde cada estação foi retratada como uma espécie de quadro impressionista¹³, para emocionar e fazer com que o público refletisse sobre os valores cristãos.

A cenografia, inspirada no barroco mineiro e português, além de recordar um pouco da história do teatro mundial, pôs em destaque estátuas-vivas que representaram o Cristo durante as estações da Via-Sacra. Utilizando técnicas de maquiagem que incluem camadas de látex e resina, os atores enfrentaram mais de 3 horas de caracterização e chegaram a ficar entre 8 e 15 minutos na mesma posição durante as cenas. A título de experiência estética, o impacto proposto pelo espetáculo, parece estabelecer alguma relação com a ideia de “epifania”, como noção que equivale a uma experiência estética no sentido forte da palavra, como um tipo de comunicação que fisga pelo corpo sob forma de uma sensação, que

¹² Em entrevista concedida ao portal de notícias do jornal O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/copacabana-sera-palco-de-via-sacra-durante-jornada-mundial-da-juventude-8205548>>. Acesso em 20 fev. 2014.

¹³ A referência à arte impressionista parece proporcionar algum diálogo com as materialidades, ao evidenciar em suas bases a disposição de efeitos óticos e acústicos ao lado da combinação dos diferentes dados dos sentidos. Na Literatura, a principal característica impressionista relaciona-se à presença de aspectos sinestésicos e metafóricos, tais como a sugestão de imagens e a impressão de atmosferas. Conforme elucida Arnold Hausser, “Antes do impressionismo, a arte reproduzia os objetos por meio de sinais. Agora representa-os por meio de seus componentes, por parte do material de que são feitos” (Hausser, 1995, p. 1051).

comporta até mesmo elementos de espanto, no sentido de ocupar e bloquear o corpo ao deter a atenção.

Ainda que o discurso religioso remeta a busca de uma verdade espiritual por detrás de uma superfície “puramente” material associada a experiências de fé, parece legítimo atentar para o apelo específico, anterior ao sentido, que esses objetos podem exercer sobre os corpos ao, por vezes, proporcionar um nível particularmente elevado no funcionamento de algumas faculdades gerais, cognitivas, emocionais e, no caso em questão, até mesmo físicas. Nesse ponto, recuperar a noção de produção de presença, em Gumbrecht (2010), pode representar um repertório não exclusivamente hermenêutico de análise que procure focalizar (ou tente focalizar na medida em que se empreendam tentativas nessa direção), os “significantes materiais que parecem estar permeados por significados específicos, e assim se transformam em significantes cuja materialidade extrapola a função de meramente carregar um significado” (GUMBRECHT, 2007, p.62). Nesse contexto, ainda que a elaboração dos discursos em questão seja conduzida com vistas à interpretação de um sentido espiritual das analogias produzidas, mais uma vez a referência a superfícies concretas, para as quais já existe um padrão de respostas adquirido por nossas sensorialidades parece potencializar os efeitos de presença da mensagem à medida que recupera essas sensações.

Considerações

Ao observar alguns dos momentos da visita do Papa Francisco ao Brasil nos parece certo supor que a proposta da “cultura do encontro”, à qual o pontífice faz recorrentes referências e procura promover, comporta um potencial significativo de fenômenos de presença ao exigir esforços concretos, de implicações físicas e dimensões materiais onde estímulos e efeitos se intensificam sobre os corpos. Conforme corrobora a sugestão de Spadaro (2013), um dos elementos atribuídos à força da comunicação do Papa Francisco estaria ligado diretamente ao emprego de sua corporalidade, enquanto meio capaz de produzir afetação pelas expressões que possibilita. Frente ao constante e acelerado desenvolvimento de tecnologias de entretenimento e comunicação que requisitam um maior engajamento corporal como meio privilegiado para fruição de experiências sinestésicas, a valorização de linguagens e gramáticas de comunicação que recuperem essa mediação, seja por meio de plataformas avançadas ou de formas presenciais naturalizadas como a fala e os

gestos, parece elucidar um movimento como se todas as esferas da sociedade demandassem cada vez mais a inclusão nos discursos e mensagens de elementos e efeitos capazes de provocarem um envolvimento físico, o que, por sua vez não seria algo exatamente novo. Conforme pontua Pereira (2013), novo seria o conjunto de práticas e setores da sociedade que abraçam essa linguagem, como a religião.

Por fim, inspirados por Latour (2010), supomos que a grande vantagem de observar fenômenos como os descritos está em “meter os pés” na cozinha dos fatos, já que é nesses ambientes que os principais actantes e respectivas conexões ganham mais visibilidade. Conforme elucidada Hanke (2005), parece promissor “dar atenção ao som como som, ao gesto corporal como gesto corporal, sem perder esta materialidade do significante de vista por causa da atenção dada ao significado” (HANKE, 2005, p.216). Ao percorrer esse itinerário pretendemos contribuir para a área ao suscitar reflexões sobre a complexidade dos processos de comunicação tendo em vista os encadeamentos produzidos pelos diferentes elementos em negociação nessas interações. Como sugere Gumbrecht (2010), se o confronto com a complexidade, porém, é que torna específico o ensino acadêmico, então – em vez de obsessivamente atribuímos sentido e, por essa via, oferecermos soluções – deveríamos, o mais possível, procurar uma prática de ensino na modalidade da experiência vivida, que se concentre em “problemas não resolvidos”, em estilos intelectuais diferenciados, só secundariamente dedicados à tarefa de transmitir “conhecimento estável e inquestionável”.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.1)

BOIVIN, N. **Material Cultures, Material Minds: The Impact of Things on Human Thought, Society and Evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 83-128.

FELINTO, E; PEREIRA, V. A. **A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação**. Revista Contemporânea, v. III, n. 1, p. 75-94, jan.-jun. 2005.

FORTUNA, V. O. **Cidade e Megaeventos: Espetáculo midiático, explosão de sentidos**. In: CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 4., 2013, Rio de Janeiro,. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2013. Disponível em: <http://www.coneco.uff.br/sites/default/files/institucional/cidade_e_megaeventos.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2014.

FREITAS, R; FORTUNA, V. O. **O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos.** In: FREITAS, R.; BORELLI, S. H. S. (Orgs.) Comunicação Narrativas e culturas urbanas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-SP. 2009. p.99-117.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Produção de presença:** o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010.

HANKE, M. **Materialidade da Comunicação:** um conceito para a Ciência da Comunicação? In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro:UERJ, 2005. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109969973774915535518237202042688629820.pdf>>.
Acesso em: 26 jan. 2014.

LATOUR, B. **Reassembling the Social:** na Introduction to Actor-Network-Theory. Oxford University Press, 2005.

PEREIRA, V. A. **Marshall McLuhan:** o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos. *Razón y Palabra*, v. 52, p. 52, 2006.

_____. **G.A.M.E.S .2.0** Gêneros e Gramáticas de Arranjos e Ambientes Midiáticos Mediadores de Experiências de Entretenimento, Sociabilidades e Sensorialidades. In: ENCONTRO DA COMPÓS, UNIP, 17. , São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNIP, 2008. Disponível em:
<http://www.compos.org.br/data/biblioteca_294.pdf>. Acesso em: 26 out. 2013.

_____. **Entretenimento como Linguagem e Multissensorialidade na Comunicação Contemporânea.** In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, 13. , Manaus. **Anais...** Manaus: Ufam, 2013.

_____. **Marshall McLuhan, o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos.** *UNÍ revista*, v. I , n. 3, p. 9, julho de 2006.

PFEIFFER, K. L. **The materiality of communication.** In: GUMBRECHT, H.U.; PFEIFFER, K. L. *Materialities of communication.* Stanford, California: Standord University Press, 1994. p.1-12.

SPADARO, A. **Papa Francesco non “comunica”, ma crea “eventi comunicativi”.** *A proposito della lettera a Eugenio Scalfari.* Itália, 2013. Tradução de André Langer. Disponível em:
<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523765-o-papa-francisco-nao-comunica-mas-cria-eventos-comunicativos-entrevista-com-antonio-spadaro>>. Acesso em: 22 jan. 2014.